ISSN: 2358-8829

CORDEL, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA CULTURA POPULAR NORDESTINA NO ENSINO BÁSICO

Mayara Almeida de França [1]
Deyvison Kaycky de Melo Lucena [2]
Daniel Guilherme Bernardino da Silva [3]
Maria Fernanda Rufino França [4]
Virgínia Palmeira Moreira [5]
Rosineide Maria Gonçalves [6]

RESUMO

O cordel é um patrimônio imaterial cultural brasileiro, reconhecido oficialmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 2018. Embora possua herança portuguesa, o gênero consolidou-se como meio de expressão e identidade nordestina a partir do século XIX, caracterizando-se por uma linguagem acessível e poética que reflete a cultura popular e o cotidiano. Devido ao seu caráter social, o cordel constitui-se como uma fonte relevante para o ensino de História na educação básica, abrangendo desde críticas sociais de época a trechos marcados pela oralidade. Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar as possibilidades metodológico-pedagógicas do uso da literatura de cordel no Ensino Médio como instrumento de valorização da memória coletiva, da cultura popular e da formação do pensamento crítico. Focando na realidade da rede pública, a pesquisa busca responder: de que maneira o uso do cordel pode se constituir como uma fonte de estudo e produção histórica entre estudantes de Ensino Médio? De natureza exploratória, a pesquisa utilizou como base produções bibliográficas dos acervos SciELO, Google Acadêmico e CAPES, além de reflexões advindas da vivência dos autores no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. O arcabouço teórico contempla autores que discutem história, memória e expressão popular, como Le Goff, Certeau e Bourdieu, associados à noção de antropologia cultural de Geertz. Com o suporte de autores como Cascudo, Freire e D'Assunção para a aplicação pedagógica, o estudo indica que a abordagem dos folhetos no ensino básico é uma estratégia criativa para trabalhar recortes temáticos e a identidade regional em sala de aula.

Palavras-chave: História Regional, Memória, Literatura de Cordel, Ensino de História, Ensino Básico.

[1] Graduanda do Curso de História do Centro Universitário Tabosa de Almeida – ASCES-UNITA, PE, 2023139203@app.asces.edu.br;
[2] Graduando do Curso de História do Centro Universitário Tabosa de Almeida – ASCES-UNITA, PE, 2024139283@app.asces.edu.br;
[3] Graduando do Curso de História do Centro Universitário Tabosa de Almeida – ASCES-UNITA, PE, 2024139237@app.asces.edu.br;
[4] Graduanda do Curso de História do Centro Universitário Tabosa de Almeida – ASCES-UNITA, PE, 2024139286@app.asces.edu.br;
[5] Doutora e Professora Supervisora do PIBID História da ASCES-UNITA, docente da rede pública estadual de Pernambuco e co-orientadora do estudo, vi_palmeira@hotmail.com;
[6] Mestra, Coordenadora de Área do PIBID História da ASCES-UNITA, onde também é docente, e orientadora do estudo, rosineidegoncalves@asces.edu.br.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

"Entre as muitas batalhas literárias
Vem meu verso, cantado de improviso...
Eu, às vezes, até fico indeciso
Meditando as vantagens necessárias:
Minhas rimas são simples operárias,
Ampliando o fabrico dos meus hinos;
Com a argúcia dos fortes beduínos
Vou além, enfrentando esse combate
Sinto orgulho em saber que sou um vate
Dentre os bardos poetas nordestinos."
(VIANA, 2010, p. 38)

O Cordel é um gênero literário que se expandiu pelo Nordeste brasileiro em meados dos anos 1950 e se popularizou pelo Brasil pela sua estrutura simples por meio de folhetos impressos estampados por xilogravuras simbólicas. Embora possua herança portuguesa, consolidou-se como meio de expressão e identidade nordestina a partir do século XIX, caracterizando-se por uma linguagem acessível, poética e informal (comum da oralidade), representando a trajetória da vida nordestina, a cultura popular e o cotidiano. A sua estética é diferenciada pelas suas capas confeccionadas por prensa de tinta no papel, apresentando símbolos típicos da região, como as festividades juninas, o manejo do gado, o cangaço e o sertão.

O gênero possui ligação direta com a cultura popular, carregando consigo traços da oralidade, da tradição e dialetos transmitidos por gerações, que foram transferidos e adaptados também ao mundo digital, por meio de blogs e acervos artísticos. O dossiê descritivo do cordel hospedado no arquivo do IPHAN descreve a fusão de elementos culturais das matrizes formadoras do Brasil:

> A literatura de cordel é um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena, europeia e árabe. Nesse sentido [...] é um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. (IPHAN, 2018, p. 16).

Dessa forma, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), que é uma das principais organizações de cordelistas, cantadores e poetas do país, foi fundada em 1988 no Rio de Janeiro, com o objetivo de representar o movimento cordelista que ganhou força na região do Sudeste brasileiro. Sua relevância dá-se por combater o preconceito sofrido por parte da esfera intelectual brasileira, relutante em reconhecer o gênero literário, as produções, seus respectivos autores e a sua inserção na Academia Brasileira de Letras. Esse órgão foi responsável, também, pela solicitação do registro e tombamento do cordel como patrimônio cultural brasileiro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2010,

ISSN: 2358-8829

obtendo aprovação em 2018 pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). (IPHAN, 2018).

Para abordar esta temática, foram consideradas observações panorâmicas e vivências de dos autores durante vivências nas escolas de referência em Ensino Médio de Pernambuco no âmbito do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), bem como por provocações estimuladas na disciplina "Metodologia do Ensino de História", da licenciatura de História em uma Instituição de Ensino Superior do Agreste Pernambucano, quando estimulou que fossem traçados meios para trabalhar a identidade nordestina no ensino histórico, por conseguinte, apontar o cordel como fonte de estudo e produção histórica na Educação Básica.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi de analisar as possibilidades pedagógicas do cordel para o desenvolvimento da memória, da identidade nordestina e do pensamento crítico, estreitando as relações dos estudantes do Ensino Médio com a cultura popular e, consequentemente, instigando o uso e leitura do meio literário para a investigação histórica e sua produção. Com essa finalidade, este material foi norteado por tais indagações: 1. Como o cordel se constitui fonte histórica e patrimônio? 2. De que maneira o folheto expressa a memória e a identidade nordestina? 3. Como aplicar a literatura de cordel no Ensino Médio? e 4. Potencial da pesquisa do PIBID como inspiradora para práticas metodológicas futuras.

METODOLOGIA

Este estudo exploratório e bibliográfico, de abordagem qualitativa, investiga a perpetuação da identidade nordestina no ensino de História por meio do cordel. A fundamentação teórica baseia-se em Le Goff, Certeau e Bourdieu para as discussões sobre história, memória e cultura popular, aliada à visão antropológica de Geertz. O suporte pedagógico e o uso do cordel como fonte fundamentam-se em Cascudo, Freire, Barros, Pacheco, Nadai e semelhantes. A busca bibliográfica ocorreu nas plataformas *Google* Acadêmico e SciELO, mediante os descritores "memória", "cultura", "cordel" e "ensino de história". Por fim, articulam-se tais contribuições teóricas aos saberes práticos de licenciandos em História no âmbito do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. HISTÓRIA, MEMÓRIA E CULTURA POPULAR: O CORDEL COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

ISSN: 2358-8829

O cordel configura-se como uma valiosa fonte de pesquisa e de resgate da memória coletiva. Sua relevância reside na capacidade de retratar localidades específicas, dar visibilidade às representações dos grupos nordestinos e sertanejos e situar contextos marcados por disputas políticas, econômicas e sociais. Para além de registrar o passado, a literatura de cordel estimula o senso crítico das novas gerações, permitindo-lhes traçar paralelos entre diferentes períodos históricos e a sua própria realidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o orgulho de suas raízes. Nesse sentido, ao cumprir o papel do patrimônio na validação da memória popular, o cordel se consolida, simultaneamente, como produto e produtor de mobilização social e cultural, ou seja, um documento histórico vivo a ser investigado.

Nessa perspectiva, Le Goff (1990) aponta que o documento não é neutro, mas um instrumento imbricado à memória coletiva e carregado de intencionalidade, sendo resultado de uma montagem "da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio" (Le Goff, 1990, p. 547-548). A leitura crítica estabelecida por Barros (2019) esclarece, ainda, como os termos "documento histórico" e "fonte histórica" se articulam intimamente nesse processo de análise. Portanto, no sentido científico-pedagógico, a mobilização de fontes como o cordel exige uma análise aprofundada e interdisciplinar que extrapole as ferramentas tradicionais da ciência histórica.

Faz-se necessária, no entanto, a triangulação de métodos, incorporando a história oral e conceitos da antropologia cultural e da linguagem popular, para evitar leituras reducionistas ou equivocadas. Dessa forma, ao trabalhar fontes na história, torna-se possível estabelecer uma conexão temporal viva entre passado e presente (Barros, 2019). Detalhando assim, a interligação de memória e patrimônio como componentes culturais de espaço-tempos específicos, Geertz (1978) apresenta a cultura, sob o ponto de vista antropológico, como uma “ciência interpretativa”, ambiente no qual o homem está envolto por significações comprimidas em códigos presentes no cotidiano, expressos no comportamento do indivíduo e construídos em coletividade, devendo ser compreendida com devida atenção às suas particularidades e sem “divorciar uma leitura do que acontece, do que acontece de fato” (Geertz, 1978, p. 28).

O cordel, nesse contexto, é um veículo vivo de transmissão de códigos e simbologias da cultura popular, confeccionado e consumido, desde seu surgimento no Brasil, pelo cidadão simples, cujo nível de letramento, por vezes, era mediano ou relativamente baixo, efetivando-se como um meio de comunicação das massas trabalhadoras populares na forma de folhetos

ISSN: 2358-8829

(Viana, 2010). O professor Veríssimo de Melo em citação compilada na obra de Viana (2010), complementa que há outra tarefa crucial exercida por essa literatura:

> Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar na alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social. (Viana, 2010, p.7).

Portanto, essa vertente da literatura popular foi e se perpetua essencialmente na formação educativa de trabalhadores e estudantes, podendo ser considerada uma prática de resistência legítima e de ressignificação de acontecimentos históricos e sociais frente à cultura hegemônica. Afirma, assim, sua presença no cotidiano de grupos considerados historicamente subalternos e iletrados nas feiras, periferias e fazendas, constituindo-se em críticas de época, dialetos nordestinos e saberes populares de maneira alternativa ao rádio e à televisão, mesclando traços da oralidade estruturados em texto por métricas, rimas e orações. O auge do cordel no Nordeste situar-se-ia entre os anos 1940-1950, durante o governo populista de Getúlio Vargas (Viana, 2010).

Essa perspectiva é teoricamente discutida por Certeau (2014) que, com seus estudos voltados sobre as representações na história, fornece-nos uma leitura crítica acerca dos usos e táticas nas produções artísticas do cotidiano. Em sua linha de raciocínio, é possível compreender que, em um sistema de produção no qual há divisões de trabalho e normas de reprodução delimitadas por uma cultura dominante (nesse contexto, a sociedade culta e erudita), os sujeitos sem poder institucional (como cidadãos comuns e artistas populares), utilizam "táticas" de manipulação de regras com finalidades próprias, as chamadas pelo autor de "artes de fazer".

> A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, contrapõe-se uma produção de um tipo inteiramente diverso, qualificada como "consumo": esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua por toda parte, silenciosa e quase invisível, pois não se assinala com produtos próprios, mas com maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (Certeau, 2014, p. 39).

Dentro dessa relação conflitante no escopo cultural, a resistência proposta por Certeau ocorre na ressignificação do que foi sistematicamente imposto. O cordel exemplifica essa tática ao utilizar a escrita: o suporte tradicionalmente associado às elites, para chancelar a oralidade, os dialetos e a visão de mundo dos grupos populares. Essa apropriação do cotidiano é estudada por Bourdieu (2007) ao analisar o mercado de bens simbólicos: o autor demonstra como a

ISSN: 2358-8829

produção cultural popular pode construir um circuito autônomo, criando suas próprias instâncias de legitimação e possuindo seu valor, sem necessitar da subjugação ou validação da elite intelectual (nesse contexto, o mundo acadêmico, no qual vimos na seção acima o certo preconceito por parte da Academia de Letras no reconhecimento de cordelistas).

Dessa maneira, Bourdieu conclui que o campo cultural é marcado por disputas pela legitimidade de produção e consumo, na qual é buscado resgatar características que tornem o seu estilo e forma autênticas em relação às outras manifestações, e como consequência, o seu valor é reconhecido. Segundo o autor, na busca pela "originalidade", ocorrem enfrentamentos de competitividade de mercado não somente entre classes, mas entre os próprios artistas que produzem e ao mesmo tempo, também são consumidores de seus semelhantes, logo, além da validade cultural, os artistas também estão submetidos à validação mercadológica (Bourdieu, 2007).

2. LITERATURA DE CORDEL: TRADIÇÃO, ORALIDADE E IDENTIDADE REGIONAL

A literatura de cordel constitui uma das mais expressivas manifestações da cultura popular nordestina, tendo sua formação relacionada a diferentes tradições narrativas, poéticas e performáticas que se encontram no Brasil — não só no Nordeste, visto que se consolidou como uma literatura e uma expressão cultural de alcance popular. Sua trajetória está associada, em parte, à tradição ibérica de circulação de romances, narrativas populares e impressos destinados a diferentes públicos, de crianças à terceira idade. Entretanto, a formação do cordel brasileiro não pode ser compreendida apenas como uma reprodução da produção portuguesa que esteve no Brasil nos três séculos de colônia (1500-1822).

No Nordeste, essas referências foram reelaboradas em diálogo com a cantoria, o repente, as práticas de oralidade e as experiências sociais das populações sertanejas. Com isso, afirma-se que a literatura de cordel deve ser entendida como resultado de um processo histórico de apropriação, transformação e ressignificação dentro da cultura popular. A própria historiografia sobre o tema demonstra que os folhetos nordestinos passaram por um processo específico de constituição, associado às práticas de cantoria e à circulação oral de narrativas, apesar de pesquisas acadêmicas sobre o tema ainda enfrentarem certa escassez no campo teórico.

Cascudo (2012), foi um dos principais estudiosos responsáveis por aproximar o cordel dos estudos sobre a tradição oral brasileira. Ao analisar a presença de narrativas populares impressas no universo da oralidade, o autor afirma que:

ISSN: 2358-8829

> Há uma literatura popular impressa, literatura de cordel, que os franceses denominam colportage, que Charles Nizard estudou na França e que Teófilo Braga esboçou em Portugal em 1283. Ninguém decidiu sobre a velocidade inicial desses livrinhos. Saíram do povo ou foram incluídos, pela leitura, na oralidade anônima? Foram temas dados pelo povo ou constituíram trabalho individual, posteriormente tornado popular? Esses livros vêm do século XV, do século XVI, do século XVII e continuam sendo reimpressos em Portugal e Brasil, com um mercado consumidor como nenhuma glória intelectual letrada ousou possuir. (Cascudo, 2012, p. 187-188).

A observação evidencia a estreita relação entre a literatura de cordel, a oralidade e a circulação popular dos textos impressos, destacando a existência de um amplo público consumidor e a incorporação dessas produções à tradição oral. Isso tornou a prática do cordel um importante veículo de comunicação entre diferentes segmentos da população nordestina desde a formação do Brasil.

A própria definição do termo “cordel” possui uma trajetória histórica particular no Brasil. Durante boa parte do processo de consolidação dessa literatura, os próprios produtores e consumidores nordestinos não utilizavam necessariamente a expressão “literatura de cordel” para designar suas produções. Em produção sobre o tema, “até meados do século XX era reconhecida pelos produtores e consumidores nordestinos como versos, folhetos ou romances” (Santos, 2009, p. 49). A denominação “literatura de cordel nordestina” passou a ser utilizada de maneira mais sistemática pelos estudiosos somente entre as décadas de 1960 e 1970, sendo posteriormente incorporada pelos próprios poetas populares.

O fenômeno do Cordel é observado, também, na cidade de Caruaru – PE onde se localiza o "Museu do Cordel", espaço relevante na retratação da memória e do patrimônio vivo dessa literatura. Essa nomenclatura própria é utilizada para definir a produção no cenário cultural, fruto da construção de uma tradição que ocorreu por meio de processos de classificação e reconhecimento.

Embora ainda existam discussões sobre suas origens e sobre a influência da literatura popular portuguesa, o cordel brasileiro desenvolveu características próprias a partir das experiências culturais nordestinas. A transição das narrativas e dos versos da oralidade para o formato impresso não significou o abandono das práticas orais, e sim a criação de uma nova possibilidade de registro e circulação dessas produções, pois a impressão permitiu que versos antes transmitidos por cantadores passassem a circular, também, em pequenos folhetos, ampliando sua permanência e seu alcance social. Em exemplificação, a cidade de Caruaru reconhecida como a “Meca de poetas populares”, observa-se como o espaço reúne poetas, declamadores e xilogravuristas locais, promovendo a renovação da linguagem e a formação de novos leitores por meio de projetos educativos.

ISSN: 2358-8829

A literatura de cordel pode ser analisada, também, como um objeto privilegiado da História Cultural, visto que as práticas pedagógicas evidenciam como essa literatura esteve relacionada ao cotidiano e à vida da população nordestina do Brasil (Viana, 2010), desempenhando funções que ultrapassam o entretenimento. Em uma sociedade marcada por elevados índices de analfabetismo e pelo acesso desigual à educação formal, a leitura coletiva e a circulação dos impressos populares possibilitaram formas particulares de contato com a escrita, atuando na alfabetização de incontáveis nordestinos.

Os conteúdos presentes nos folhetos retratam a experiência social e a identidade regional. Temáticas relacionadas à seca, à pobreza, ao trabalho, à religiosidade, à política, aos conflitos sociais, às relações familiares e aos costumes cotidianos aparecem de maneira recorrente nas narrativas cordelistas. O cordelista, portanto, transforma acontecimentos e experiências do mundo social em matéria poética, construindo representações sobre o próprio Nordeste e sobre seus sujeitos. O cordel torna-se, simultaneamente, registro cultural e espaço de interpretação da realidade, no qual o cotidiano regional é narrado, comentado, criticado e satirizado. O próprio processo de circulação e apropriação dos folhetos demonstra que essa identidade é constantemente produzida e reelaborada ao longo do tempo.

3. POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: O CORDEL NA SALA DE AULA

O ensino de História, na contemporaneidade, enfrenta desafios significativos. Nesse sentido, a professora Elza Nadai (1993) expõe a ausência de interesse de parcela dos estudantes pela disciplina, seja pelos conteúdos massivamente teóricos, seja por abordagens que não priorizam uma perspectiva dialógica com o cotidiano dos discentes. Assim, professores encontram dificuldades na retenção de atenção da turma e no rendimento escolar no decurso do ano letivo. Conforme pontua Júnior:

> Recai sobre o Ensino de História, para grande número de alunos da Educação Básica, a pecha de que se constitui algo muitissimamente abstrato e, por conseguinte, desprovido de sentido, tornando a disciplina, na concepção desses alunos, divorciada de valor. Ou seja, genericamente, o Ensino de História aparece como narrativa de fatos com os quais os alunos mantêm ausência de familiaridade (Júnior, 2020, p. 109).

Destarte, novas perspectivas devem ser buscadas para a superação desse impasse. O ensino de História, mesmo na atualidade, ainda produz traços do paradigma positivista: aulas meramente expositivas, ausência de diálogo, memorização de grandes feitos e heróis, sem projetos que visem à interdisciplinaridade e à variedade de metodologias de trabalho. Tais

ISSN: 2358-8829

abordagens remetem às práticas tradicionais de memorização de datas ou listas de conteúdos descontextualizados, critica também tecida por Barros (2013).

A História, enquanto ciência e campo disciplinar, busca desde a década de 1930 um movimento de renovação, sobretudo por meio da Escola dos Annales, expandindo seus horizontes teórico-metodológicos. Não se espera mais que a História seja construída de forma isolada, como aponta Borges (1993), os estudos são incentivados a partir da interdisciplinaridade. Há, dessa maneira, uma ampliação do conceito de fontes históricas, que não se restringem aos documentos formais de arquivos oficiais. Outras fontes, mais variadas, passam a constituir o método histórico: músicas, fotografias, história oral e literatura

A literatura de cordel apresenta-se como um ferramental pedagógico promissor ao ensino de História, considerando essa renovação do fazer historiográfico e suas implicações nas aulas. O cordel, embora oriundo de raízes ibéricas, enraizou-se na cultura popular brasileira. Assim, quando utilizado nas aulas, o estudo torna-se mais palatável, ganhando contornos de significado para o estudante. A literatura de cordel atrai por sua estrutura narrativa, melódica e dialógica com a realidade circundante do educando.

Corrobora-se a visão de Júnior (2020) que elucida vantagens no uso do cordel para o ensino de História. O movimento de utilização do folheto favorece o fenômeno da interdisciplinaridade, fomentando uma formação integral que prioriza a interseção e não a compartimentalização dos saberes. Outrossim, há uma conexão fecunda entre história, literatura e cultura popular. Os estudantes, nessa abordagem integrativa de aprendizagem, ganham ferramentas para analisar e compreender a sua própria realidade social: “permite a possibilidade de se construir e ou despertar uma relação identitária entre o sujeito (aluno) e o contexto onde está inserido, promovendo a possibilidade de conscientização do sujeito” (Júnior, 2020, p. 115).

Além disso, os conteúdos curriculares de História podem ser explorados em produções realizadas pelos próprios estudantes, instigando o letramento como apropriação dos saberes específicos da disciplina. O sentimento de pertencimento, estimulado pelas identidades culturais, contribui para suplantar o desinteresse nas aulas (Júnior, 2020).

Freire (1994) compreende que a leitura do mundo antecede e conecta-se com a leitura da palavra. Historicamente, parte do ensino tendeu a hierarquizar os saberes sistêmicos escolares em detrimento dos saberes populares. Na perspectiva freireana, não cabe mais uma postura dicotômica entre a palavra e o mundo, mas sim a integração harmônica entre eles. Ou seja, implica reconhecer o valor cultural e histórico trazido pelos estudantes antes da sua vivência escolar. O saber sistematizado deve elaborar-se em diálogo com a cultura do estudante.

ISSN: 2358-8829

O processo educativo não deve impor uma cultura dita "letrada" como superior, mas construir a leitura crítica de mundo em respeito aos saberes oriundos das experiências prévias dos discentes.

A literatura de cordel, enquanto fenômeno da cultura popular, detém essa característica capaz de realizar a ponte entre os saberes populares e os conhecimentos sistematizados. A curiosidade ingênua do estudante pode, assim, ser elaborada e converter-se em curiosidade epistemológica. A própria legislação educacional, no Artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), estabelece a "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber" (inciso II) e a "valorização da experiência extra-escolar" (inciso X) (Brasil, 1996). Em consonância, a literatura de cordel atua como um elo para a efetivação desses princípios legais.

O processo de ensino-aprendizagem afasta-se das formatações da "educação bancária" criticada por Freire (1996), a qual visa moldar o indivíduo segundo padrões normativos estabelecidos. O estudante, em uma perspectiva aberta e reflexiva, torna-se sujeito na autoconstrução do conhecimento, tendo o professor como mediador e instigador de questionamentos. A produção ativa do conhecimento possibilita uma pedagogia libertadora pautada no processo de conscientização dos sujeitos (Freire, 1996).

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico possui elevado potencial para aplicação em turmas de Ensino Médio. O cordel carrega a memória, a oralidade e a crítica social do povo nordestino por meio de seus versos e xilogravuras, o que possibilita aproximar os conteúdos curriculares da realidade dos estudantes. O desinteresse discente pela disciplina de História coloca-se como um desafio contemporâneo para a prática docente, surgindo com frequência quando as abordagens se reduzem à memorização. Destaca-se, por isso, a importância de incorporar metodologias diversificadas para dinamizar o ambiente escolar.

O professor de História pode utilizar o cordel para promover a compreensão do contexto histórico e da crítica social contida nos versos. Como aponta Bittencourt (2008): "a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência" (Bittencourt, 2008, p. 168). Nesse sentido, o folheto ultrapassa a função de recurso meramente ilustrativo. Ao trabalhá-lo, o docente permite aos discentes identificar permanências do passado

ISSN: 2358-8829

no presente, percebendo como a memória e a crítica registradas pelo cordelista dialogam com o seu contexto social.

Ao articular a história local ao conteúdo do Ensino Médio, a prática pedagógica estimula a curiosidade e favorece o protagonismo discente no processo de aprendizagem. Inserir o cordel na sala de aula configura-se como uma alternativa metodológica consistente tanto para a apreensão conceitual quanto para a participação ativa dos estudantes. Segundo José Carlos Libâneo (2006), o professor não deve apenas expor conteúdo ou formular perguntas, mas escutar os estudantes para que aprendam a expressar suas opiniões e dúvidas.

Na mesma linha, Manoel Monteiro da Silva, um poeta e cordelista, por meio de uma entrevista compilada na obra de Viana (2010) pondera que "o certo é que tanto faz utilizar nas séries iniciais, como no Ensino Médio ou até mesmo nas universidades, o folheto sempre irá despertar interesse" (Viana, 2010, p. 33). A poesia popular atrai a atenção discente e constitui uma ferramenta pedagógica para a construção de aulas dinâmicas. A linguagem simples, ritmada e poética dos folhetos atua como ponte entre os conhecimentos prévios e o conhecimento escolar sistematizado, estimulando o sentimento de pertencimento e o orgulho cultural. Ao analisar versos e xilogravuras, o estudante exercita a leitura crítica da realidade e desenvolve o gosto pela leitura.

Por fim, ressalta-se o papel do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na articulação entre teoria e prática, propiciando caminhos para a aplicação da literatura de cordel no Ensino Médio. Neste trabalho, os resultados decorrem de um levantamento teórico, das observações de campo e do diagnóstico do cotidiano escolar vivenciados no programa. Essa imersão permitiu compreender a relação dos estudantes com a leitura e fundamentar uma proposta pedagógica para que, em intervenções futuras, os alunos possam recitar versos, exercitando a oralidade, a interpretação e a reflexão histórica e modo a valorizar a cultura popular na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BARROS, José d'Assunção. Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 18., 2019, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019. p. 1-17.

BARROS, José d'Assunção. **Teoria da história**: os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. 6. ed., 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361 p. (Coleção Estudos, 20). ISBN 978-85-273-0140-4.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 ago. 2026.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 1. ed. digital. São Paulo: Global Editora, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERREIRA, José Júnior. Ensino de História na educação básica: o uso da literatura de cordel como ferramenta didática. **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira, v. 7, n. 13, p. 108-123, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Revisão técnica de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 323 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Dossiê de registro da Literatura de Cordel**. Brasília, DF: IPHAN; Rio de Janeiro: CNFCP, 2018. 237 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/. Acesso em: 4 ago. 2026.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. 476 p. (Coleção Repertórios). ISBN 85-268-0180-5.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

MECA de poetas populares, diz presidente da Academia de Cordel sobre Caruaru. **G1 PE**, Caruaru, 18 maio 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/meca-de-poetas-populares-diz-presidente-da-academia-de-cordel-sobre-caruaru.ghtml. Acesso em: 28 ago. 2026.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

SANTOS, Luciany Aparecida Alves. Literatura de cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 35, p. 77-91, jan./jun. 2010. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018356.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010. 144 p. Colaboração de José Maria do Nascimento, Gonçalo Ferreira da Silva, Marco Haurélio e Crispiniano Neto.